

REDE

OITAVÃO

**Jornal
Comunitário
do Moura
Brasil**



MOURA BRASIL

~~sem~~ COM FUTURO

Por:
Equipe do
Jornal Comunitário
Rede Oitão

O Moura Brasil é um bairro que carrega em si as marcas do tempo. No chão rachado de suas ruas e nos muros que resistem à ação dos dias, há rastros de um passado de muita luta e abandono, mas também de muita festa e esperança. Entre as esquinas que guardam histórias e as novas gerações que crescem aqui, surge a pergunta: para onde se encaminha o futuro do Moura Brasil?

Aqui, o futuro sempre foi como o mar da Praia da Leste: vasto, promissor, mas também cheio de desafios a atravessar. De um lado, precariedade urbana e negligência histórica ainda impondo barreiras. De outro, toda uma comunidade que, com muita força, cultura e união, segue trilhando os caminhos impossíveis. As histórias de quem veio antes e de quem chega agora mostram que o Moura Brasil não é apenas um bairro à margem da cidade – ele é um pulsar de memórias e possibilidades.

Ainda assim, a travessia rumo a esse futuro encontra diversos obstáculos. Alguns caminhos parecem se alongar mais do que deveriam, algumas viagens seguem o ritmo de um trem-lesma, avançando devagar enquanto a cidade ao redor se transforma. O tempo passa, mas as mudanças que poderiam impulsionar o Moura Brasil ainda não vieram ao nosso encontro.



Um pulsar de memórias e possibilidades

Nesta edição da Rede Oitão, olhamos para essa encruzilhada entre passado, presente e futuro. Nossos guardiões de memória, que viram o bairro mudar ao longo das décadas, hoje testemunham o futuro que se materializa no presente das crianças e nos mostram que o tempo passa, mas nem tudo se transforma como deveria. No Carnaval, o Bloco do Mamão dança há 50 anos e segue firme, prometendo continuar sua celebração por muitos anos mais, mantendo viva a cultura e a memória do bairro.

O Moura Brasil enfrenta desafios, mas também tem potências. E se há algo que a história deste bairro ensina, é que o futuro não é um destino único, mas sim vários caminhos possíveis, todos e cada um exigindo persistência para ser alcançado. Aqui, o tempo pode até correr em ritmos diferentes, mas a comunidade segue em movimento, sempre avante!



**O MOURA
SEGUE
PULSANDO
ENTRE**



**O QUE FOI E
O QUE AINDA
PODE SER**

ENTRE O PASSADO DE MARI ÚRSULA E O PRESENTE DAS CRIANÇAS



Por:
Thyago Nunes
e Ester Sousa



O Moura Brasil é um lugar onde o tempo se dilata e se entrelaça. Aqui, as camadas do tempo são densas e há quem as veja com nostalgia, com pesar ou com a esperança de um amanhã melhor.

Mari Úrsula é testemunha das modificações do bairro ao longo das décadas. Aos 58 anos, ela recorda um passado em que as relações eram mais próximas e a comunidade vivia em um ritmo diferente.

“Eu lembro de muitas crianças indo para a escola, pois aqui perto tinham muitas que acabaram sendo fechadas. As crianças brincavam na rua e a vizinhança se conhecia, eu falava com todo mundo”, diz ela, com um sorriso no rosto.

Porém, junto com as mudanças causadas pelo processo de urbanização, vieram desafios que impactaram a vida dos moradores. “Ao longo dos anos, o bairro foi ficando mais perigoso, a violência aumentou e as famílias começaram a sair. Muitos moradores foram substituídos por pessoas que não

entendem nossa história. Agora tudo é matação”, desabafa. Mesmo assim, Dona Úrsula não perdeu a esperança. “Ainda vejo crianças brincando na rua, vejo gente lutando pra melhorar.”

Para as novas gerações, como Maria Yasmym e Arlison Natanael, ambos com 12 anos, a realidade do bairro é outra. Crescendo no Moura Brasil, eles enxergam seu dia a dia com muita naturalidade e encontram no jiu-jítsu um lugar de acolhimento e possibilidades. “Antes eu ficava em casa sem nada pra fazer, agora eu treino, me sinto mais tranquilo, mais animado”, conta Natanael. Para Yasmym, o esporte trouxe mais confiança: “Antes eu não conseguia fazer nada, agora já consigo muita coisa. Quero chegar à faixa preta”.

Os dois jovens acreditam que morar no Moura Brasil tem muitos significados. “Tem meus amigos, é um bairro bom”, diz Yasmym. Natanael, apesar de gostar do lugar onde cresceu, deseja trilhar novos caminhos. “Quero trabalhar e lutar por um futuro melhor, lutar em outros países que eu sonho em conhecer”.



Lugar onde o tempo se dilata e se entrelaça

Quando perguntados sobre o que mudariam no bairro, Yasmym diz que melhoraria as escolas e a educação. Natanael, por sua vez, pensa na situação financeira das famílias. “Muita gente aqui precisa de mais oportunidades.”

Entre o passado de Dona Úrsula e o presente das crianças, o Moura Brasil continua a se transformar. O bairro segue sendo um lugar de desafios, mas também de sonhos. Enquanto os mais velhos lembram de tempos mais simples, os mais novos anseiam por um futuro com mais possibilidades. Seja através do jiu-jítsu, da educação ou das memórias que resistem, o bairro segue pulsando entre o que foi e o que ainda pode ser.

O CARNAVAL DO MOURA BRASIL: QUANDO A MEMÓRIA DANÇA E O FUTURO CANTA



Por: **Débora Soares**



Quantos sambas-enredo poderiam celebrar o Carnaval de rua do Moura Brasil? Que ao som e pulsar do batuque das baterias embalam tantas memórias afetivas que atravessam gerações de moradores, que se divertem em meio do mela-mela e das “velhas” brincadeiras com goma. No compasso do tempo, o som dos blocos A Turma do Mamão e Unidos do Morro ecoa, guardando na memória de seus moradores o ritmo e a energia das festas de rua.

O Carnaval no Moura Brasil é símbolo de cultura e resistência, acompanhando as transformações vivenciadas no território e marcando gerações com fantasias coloridas e o ritmo que ecoa em cada batida. A força e potência dos blocos de rua são relatos comuns de moradores que sempre acompanham cortejos e apresentações dos Blocos, em época carnavalesca.

Bloco Unidos do Morro: 35 anos de resistência

Nascido no topo do Morro do Moinho, o Bloco Unidos do Morro foi fundado em 1990 por Wagner Menezes, sua mãe, a ilustre Dona Valda, e o amigo

Da Rocha. Desde então, arrasta a comunidade para a avenida, fazendo do samba um grito de pertencimento.

“O bloco é uma resistência, são 35 anos de história”, diz Wagner, lembrando a importância de sua mãe e de sua casa no fortalecimento do grupo. “Aquele barraquinho ali tem muita história”, completa. Ao refletir sobre a relação do bloco com as futuras gerações do bairro, Wagner demonstra interesse em fortalecer projetos voltados para estreitar o vínculo das crianças com o samba e com os instrumentos, mantendo viva as celebrações carnavalescas no bairro.

Bloco A Turma do Mamão: 50 anos de tradição

Em 1975, um mamão, um grupo de amigos e um desejo de celebrar deram origem ao Bloco A Turma do Mamão, que hoje comemora 50 anos de tradição no Moura Brasil. Dona Lucinha e Seu Raimundo Barros, atuais presidentes, carregam no peito a história de resistência do bloco, que já conquistou o tricampeonato do Carnaval de Fortaleza.



O Carnaval do bairro não é só festa, é identidade, é resistência

Os desfiles são momentos de dedicação e entrega: adereços e fantasias são confeccionados, alas são organizadas – como a icônica Ala das Virgens – e a bateria ensaia intensamente para garantir que a energia tome conta da avenida. A tradição atravessa gerações. Carlos Eduardo, que cresceu vendo os pais desfilar, hoje comanda a ala da bateria. Beatriz, com apenas 12 anos, já participa dos ensaios com brilho nos olhos. “A primeira vez que desfilei na avenida foi lindo demais, fiquei muito feliz de ver o bloco que eu tanto amo sair na rua”, conta ela, emocionada.

Cada batida carrega uma história, cada desfile reafirma a força do Moura Brasil. O Carnaval do bairro não é só festa, é identidade, é resistência, é um legado que se fortalece ano após ano. Do passado ao futuro, a arte e a cultura continuam empoderando novas gerações. O que podemos dizer? Ô abre alas que o Moura Brasil ainda tem muito para mostrar!



CORRE CULTURAL

Por
Wagner Filho

O **Corre Cultural** evidencia os **talentos da nossa comunidade**. Compartilharemos as **histórias** do território, reconhecendo a cultura como uma poderosa força de transformação em nossas vidas.



EZEQUIEL VICTOR: DO MOURA BRASIL PARA O TOPO DO JIU-JITSU NACIONAL

Salve, galera! Hoje, o Corre Cultural traz um talento da nossa quebrada que tá voando nos tatames: Ezequiel Victor! O cara começou no esporte ainda criança e, com muito suor e dedicação, já ganhou dois títulos nacionais no jiu-jitsu.

A caminhada dele no mundo das lutas começou cedo, lá pelos 8 anos, mas o esporte sempre fez parte da vida. Além do jiu-jitsu, Ezequiel também já deu seus rolês no surf, treinando com o professor Wagner Menezes na escolinha de surf Moura Brasil. Para ele, “praticar diferentes esportes aju-

dou muito no meu desenvolvimento como atleta.”

“Sou muito grato à professora Suzana Olegário, que é como uma mãe pra mim, e ao projeto do professor Wagner Menezes, que sempre me apoiou. O esporte mudou minha vida e me fez chegar onde tô hoje. Só tenho a agradecer!”, diz Ezequiel. Com um futuro promissor e muita garra, ele segue treinando firme para conquistar ainda mais títulos. A comunidade Moura Brasil tá junto nessa torcida!

“ “

O esporte mudou minha vida e me fez chegar onde tô hoje



GERLÂNIA XAVIER: UMA DAS GUARDIÃS DO BAIRRO MOURA BRASIL

Quem passa pela escolinha de surf Moura Brasil, fundada em 2007, já sentiu o carinho e a atenção de Gerlânia Xavier. Com 46 anos, mãe de três filhos, Gerlânia tem um papel essencial: acolher, ouvir e apoiar.

Ao longo dos anos, ela organizou diversas atividades culturais, levando as crianças para museus, bibliotecas, passeios e, claro, para a praia. Além disso, ajuda no reforço escolar em dois turnos. “Nem sempre os pais conseguem proporcionar esses momentos, então faço o possível para que elas tenham essas experiências”, explica.

Seu trabalho incansável foi reconhecido em abril de 2024, quando recebeu o título de Guardiã do Bairro Moura Brasil, homenagem do Centro Cultural Dragão do Mar às mulheres que fazem a diferença na comunidade. “Foi uma honra, mas nada disso foi por acaso. Acredito que esse é o meu chamado, é Deus que me guia nessa missão”, afirma Gerlânia, que segue transformando vidas com amor e dedicação.



Acredito que esse é o meu chamado, é Deus que me guia nessa missão

SUZANA OLEGÁRIO: DA LUTA AO ENSINO, UM SONHO QUE VIROU REALIDADE

O jiu-jitsu entrou na vida de Suzana Olegário em 2010, mas, desde o início, ela já sabia qual seria seu grande objetivo: se tornar professora e ensinar gratuitamente na sua própria comunidade.

Moradora do Moura Brasil, onde vive com a família na rua Aprendiz de Marinheiro, Suzana começou sua trajetória no esporte com muita determinação. No começo, eram só seis alunos. Mas, com o apoio da Escolinha de Surf Moura Brasil, e a chegada de um tatame, seu sonho foi ganhando forma. Hoje, além de ensinar no projeto, ela também faz parte do programa Atleta Cidadão, ajudando a formar novos talentos no jiu-jitsu.

“Foi um caminho cheio de desafios, nada veio fácil.” diz Suzana, que tem orgulho de ver seus alunos evoluindo – muitos deles já competindo em alto nível.

Em 2024, seu trabalho ganhou um reconhecimento especial: foi eleita professora destaque do Estado do Ceará. Uma conquista que reforça sua missão de transformar vidas por meio do esporte. “Meu maior desejo é ver meus alunos indo cada vez mais longe. O jiu-jitsu mudou minha vida, e quero que mude a deles também”, finaliza.

Meu maior desejo é ver meus alunos indo cada vez mais longe



FRANCISCA DA HORA: GUARDIÃ DAS MEMÓRIAS DO MOURA BRASIL



Por:
Paulo Hora



Nascida no Cedro-CE, Francisca da Hora dos Santos chegou ao Moura Brasil ainda menina, aos 13 anos. Veio com os pais, seguindo os trilhos da vida, guiada pelo trabalho do pai, maquinista da antiga Estrada de Ferro, hoje conhecida como Rede de Viação Cearense (RVC).

Viu o Moura Brasil crescer, virar casa, comunidade, laço forte entre vizinhos. Não apenas testemunhou essa história, mas a costurou com as próprias mãos – fosse no pano das festas juninas ou nos laços de união que ajudou a construir. Organizava quermesses, festas, arrecadava recursos para a Associação Cruzeiro do Sul, que um dia se tornaria a CEDE – Escolinha de Surf.

Francisca era mulher de muitas artes. Costureira, bordadeira, dona de um talento que vestia as quadrilhas juninas com cores e tradição. Dançou no Arraiá do Grupo Sol, viu a cidade se transformar, mas nunca deixou o brilho da cultura se apagar. Servidora do

município, cuidou por anos do coração pulsante da comunidade: o Chafariz N° 20, na Rua da Saudade. Aposentada, mas nunca esquecida, era daquelas vozes potentes que ecoavam pela rua, livrando muito menino dos enquadros e evitando que dormissem no xadrez – quem viveu, sabe bem.

Entre um trabalho e outro, conciliava tudo com a missão de criar seus sete filhos, todos nascidos e criados no Moura Brasil. Em sua casa, o sagrado sempre teve espaço: devota de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora das Graças, organizava novenas e reunia os moradores para rezar o terço.

Hoje, seu nome é lembrança viva, figura marcante da Rua da Saudade e de todo o Moura Brasil. Uma mulher que é alicerce, memória e resistência. E que, como a água do chafariz, segue fluindo na história do bairro, entre aqueles que a conhecem e os que ainda hão de ouvir sua história.



**Como a
água do
chafariz,
segue
fluindo na
história
do bairro**



MARIA LÚCIA: A AGULHA E A LINHA DA HISTÓRIA DO MOURA BRASIL

66 99

**O que vale
mesmo é o
esforço e a
honestidade**

No Moura Brasil, basta perguntar por Maria Lúcia que todo mundo sabe de quem se trata. Mas é pelo carinho do povo que ela ganhou o nome que carrega até hoje: “Madrinha Lúcia”.

Nascida e criada na Rua do Trilho, Lúcia viu seu bairro se transformar ao longo dos anos. Trabalhou 20 anos na indústria têxtil e mais 6 em uma creche, mas nunca se acomodou. Ao se aposentar, buscou novos caminhos: fez cursos, aprendeu artesanato, aprimorou ainda mais a costura e encontrou nesses talentos uma forma de complementar a renda.

Hoje, ela se dedica à horta comunitária do Mercado Alimenta CE, onde atua como bolsista. Mas não é só o trabalho que a mantém por lá – nas sextas-fei-

ras, a Estação das Artes vira palco para seu lazer favorito: um forrozinho bem dançado, porque, como ela diz, “é uma maravilha”!

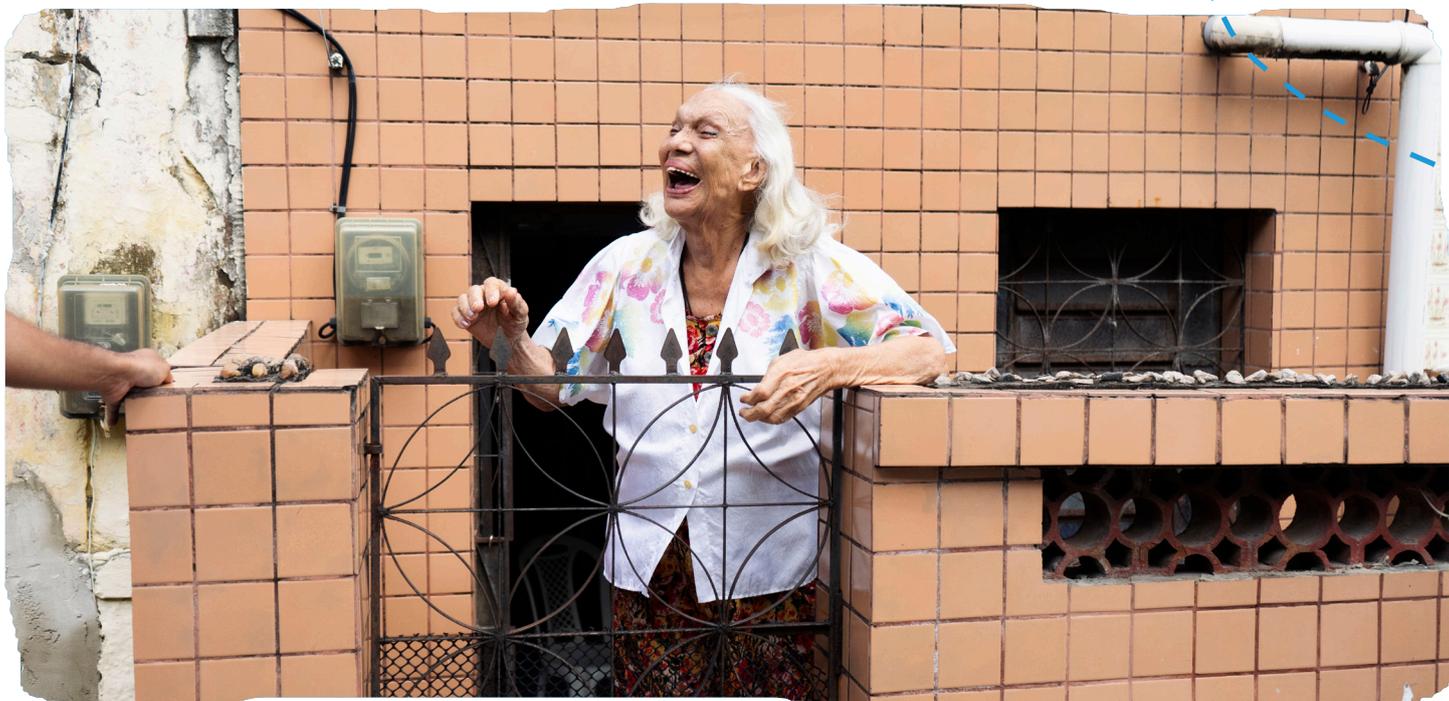
Testemunha viva das transformações do Moura Brasil, Lúcia viu as ruas se redesenharem, as casas darem lugar a novas construções. Lembra do tempo em que a Avenida Leste Oeste era diferente, dos trens passando na sua rua, da construção da Igreja Santa Edwiges, da Escola de Gastronomia, do Quartel dos Bombeiros e do IML. O que permaneceu? A Igreja Santa Terezinha e as ruas da parte de cima do bairro, que seguem como marcos da memória.

No baú de lembranças, guarda com carinho as imagens dos desfiles de carnaval do Bloco do Mamão, onde as crianças do bairro iam até a Du-

que de Caxias para participar da festa. Também tem registros fotográficos dos antigos “timinhos de futebol” do Moura Brasil, aqueles meninos que um dia jogaram no campinho e que, hoje, são pais de família.

Para Lúcia, cada conquista foi motivo de orgulho. Estudar, trabalhar e crescer como pessoa sempre foram suas maiores vitórias. Ela aprendeu que, para vencer na vida, é preciso força de vontade, coragem e respeito – desde as crianças até os mais velhos. Seu conselho é direto: “Não se iluda com as coisas que vêm fáceis demais. O que vale mesmo é o esforço e a honestidade.”

Entre costuras e memórias, entre trabalho e dança, Lúcia Costureira segue firme, alinhavando sua história no tecido vivo do Moura Brasil.



O MOURA BRASIL E O TREM DO FUTURO



Por:
Regilane Patrício

O Moura Brasil carrega em sua história grandes desafios. Ao longo do tempo, o bairro tem sido palco de promessas que não se cumprem, políticas públicas insuficientes e uma estrutura que parece intransponível, onde os muros não caem e as mudanças chegam a passos lentos.

O bairro vive entre dois mundos: um de potencial e riqueza cultural e outro marcado pela exclusão, pela falta de oportunidades e pelo descaso dos investimentos. São realidades opostas que nos fazem refletir: o que esperamos para o futuro? O que queremos deixar para as próximas gerações? O Moura Brasil está em movimento ou apenas sendo arrastado pelo trem?

Ao caminhar pelas ruas e vielas, encontramos um bairro diferente daquele retratado nos telejornais e redes sociais. Vemos pessoas que acordam cedo para trabalhar, crianças indo para a escola, conversas na porta da mercearia, um vai e vem de carros – a vida em movimento, como um trem seguindo a linha.

O desenvolvimento, no entanto, parece chegar com atrasos constantes.

De quatro em quatro anos, as mesmas promessas são repetidas: a reforma da quadra, melhorias no posto de saúde, o apoio aos projetos da comunidade. Mas a cada eleição, a esperança é adiada. Obras que nunca terminam, compromissos que nunca são cumpridos.

Ainda assim, a comunidade persiste. Pequenos avanços aconteceram ao longo dos anos, não pela ação do poder público, mas pelo esforço dos próprios moradores, que tomam iniciativas individuais para transformar sua realidade.

Cercado por cultura, o Moura Brasil abriga equipamentos que registram e expressam manifestações artísticas de várias gerações. Mas o desafio é democratizar esse acesso, permitindo que os moradores sejam protagonistas nesses espaços. Muitos desses equipamentos culturais acabam sendo frequentados mais por visitantes de fora do bairro do que pela própria comunidade, criando uma barreira invisível entre a cultura e aqueles que deveriam ser seus principais beneficiários.

A cultura tem o poder de atravessar muros e fortalecer laços. Mas como

garantir que essa riqueza chegue a todos? O Moura Brasil vive um paradoxo: ao redor, um polo de lazer vibrante e cheio de expressões culturais; dentro, a dificuldade de integrar essa riqueza ao dia a dia de seus moradores.

O futuro do Moura Brasil não pode depender apenas de promessas. Ele exige planejamento, participação ativa da comunidade e ações concretas que unam infraestrutura, segurança, educação e cultura.

O trem não espera. Mas será que seguiremos parados, como uma estação esquecida? ■

« »

**Ainda
assim, a
comunidade
persiste**

GOVERNO DO CEARÁ

Elmano de Freitas da Costa
GOVERNADOR DO CEARÁ

Jade Afonso Romero
VICE-GOVERNADORA DO CEARÁ

Luisa Cela de Arruda Coêlho
SECRETÁRIA DA CULTURA

Rafael Cordeiro Felismino
SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CULTURA

Geciola Fonseca Torres
SECRETÁRIA EXECUTIVA DE PLANEJAMENTO
E GESTÃO INTERNA DA CULTURA

Caio Anderson Feitosa Carlos
COORDENADORIA DA REDE PÚBLICA DE
EQUIPAMENTOS CULTURAIS DO CEARÁ (COPEC)

Jéssica Ohara Pacheco Chuab
COORDENADORIA DE PATRIMÔNIO
CULTURAL E MEMÓRIA

INSTITUTO MIRANTE DE CULTURA E ARTE

Tiago Santana
DIRETOR-PRESIDENTE

Iana Soares
DIRETORA-EXECUTIVA

Ana Javes Luz
DIRETORA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Charlene Régis
SUPERINTENDENTE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Dione Silva
ASSESSORA DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS
E ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA

Fernanda Cavalli
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO

Abílio Oliveira
GERENTE DE PLANEJAMENTO

Amanda Lima
GERENTE DE PROJETOS ESPECIAIS E GOVERNANÇA

Evelma Taveira
GERENTE DE DEPARTAMENTO PESSOAL

Isabel Ferreira Lima
GERENTE DE EXPERIÊNCIA E LINGUAGEM

Natasha de Paula
GERENTE DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Renata Duarte
GERENTE DE OPERAÇÕES E SERVIÇOS

Vinício Brígido
GERENTE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

KUYA - CENTRO DE DESIGN DO CEARÁ

Rodrigo Costa Lima
DIRETOR

Monica Rodrigues
ASSESSORA EXECUTIVA

Erbene Monteiro
COORDENADORA ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Rhayara Brenna
ANALISTA ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Beatriz Ribeiro
ANALISTA ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Patrícia Quintela
SUPERVISORA

Daniel França
COORDENADOR DE COMUNICAÇÃO

Isabela Gomes
TÉCNICA ESPECIALISTA DE MÍDIAS SOCIAIS

Cláudia Sales
COORDENADORA DE FORMAÇÃO

Delano Pessoa
COORDENADOR DE PESQUISA

Tea Marcelo
COORDENADORE DE ESPAÇO E ESTRUTURA

Vitória Helen
ESTAGIÁRIA DE PROGRAMAÇÃO

Renata Pinheiro
COORDENADORA DE DESIGN E ESTRATÉGIA

Beto Bessa
DESIGNER

Alifa Maria
ESTAGIÁRIA DE DESIGN E ESTRATÉGIA

Víctor Viana
ESTAGIÁRIO DE DESIGN E ESTRATÉGIA

Flávio de Lima Oliveira
SUPERVISOR DE TI (ÁUDIO E VÍDEO)

Vítor Hugo
TÉCNICO DE EQUIPAMENTOS

Dina Carvalho
Eriverton Ribeiro
Mirtes Luz
RECEPTIVO

REDE OITÃO | JORNAL COMUNITÁRIO

Débora Soares
Wagner Filho
Regilane Patrício
Ester Sousa
Thyago Nunes
Paulo Hora
PESQUISADORES

Vandim
PRODUÇÃO

AGRADECIMENTOS

Mari Ursula
Maria Yasmym
Arlisson Natanael
Wagner Menezes
Dona Valda
Da Rocha
Dona Lucinha
Seu Raimundo Barros
Carlos Eduardo
Beatriz
Maria Lúcia
Francisca da Hora
Ezequiel Vítor
Gerlânia Xavier
Suzana Olegário

CITADOS NA EDIÇÃO

Marília Sales
Daniel Firmino
Camila Barros
NUPAC - Núcleo de Patrimônio
Cultural do Moura Brasil
Coletivo Eco Raiz
Núcleo de Articulação Comunitária (NACA)
do Instituto Mirante de Cultura e Arte



O MOURA SEGUE PULSANDO ENTRE O QUE FOI E O QUE AINDA PODE SER

EXPEDIENTE

Daniel França
Coordenação geral e Jornalista

Vandim
Produtor

Daniel Firmino
Renata Pinheiro
Beto Bessa
Alifa Maria
Victor Viana
Projeto gráfico e Diagramação

Isabela Gomes
Comunicação

Sandy Albuquerque
Fotografia

Débora Soares
Wagner Filho
Regilane Patrício
Ester Sousa
Thyago Nunes
Paulo Hora
Pesquisadores

Neyla Castro
Núbia Alves
Maiara Ferreira
Pesquisadores NACA

REALIZAÇÃO



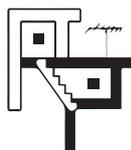
CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

KUYA
Centro de Design do Ceará

instituto
mirante

ASSESSORIA
DE POLÍTICAS
AFIRMATIVAS
E ARTICULAÇÃO
COMUNITÁRIA | NUPAT
NUPA
NACA

PRODUÇÃO



COLETIVO
RAÍZES DA PERIFERIA

